

lar verdade, não se julgava cousa nonhuma.

O que elle sentia era assim como a bocca da noite de um primeiro amor. Não julgava nada, sentia-se dormente, aspirativo, com disposições para chorar, com tanto que houvesse esperanças de rir ao depois. Ai como ardia por um risosinho! Mas a sua goéla, entupida por uma laryngite inimiga do bom tom, o obrigava a uma seriedade extranha. Como seria bom soltar uma gargalhada! Como não seria satisfactorio conversar!

Havia só dous sentides por onde elle podia communicar-se com o mundo das commoções: a vista e o ouvido.

* * *

Estava como uma pipa esvasiada...

Passavam casas de amarello, de branco, de azul, edificações em preto, espaços de muro, pompudos arvoredos de praças, passeios trilhados por gente domingã, e longinquos casebres de arrabaldes lá no topo esbatido das ruas... Lembro-me bem da cara que lhe fez uma creoula que ia pelo calçamento com os seus alvos dentes nas feições negras, mais alegre do que elle, como si ella tambem estivesse a sentir modorrentamente os embalões da carruagem... O ruido das rodas nas pedras o adormentava... Adiante um rapaz e uma rapariga os encararam como si elles, em vez de carro a descoberto, fossem debruçados pela portinhola... O seu pouco habito d'essas coisas, a bisbilhotice de terra pequena, tudo o convencia de que ia n'uma evidencia extraordinaria... Foi preciso abrir o guarda-sol para amparar contra o poente o rosto de seu velho amigo, e elle ficou na illusão

de que ia com a umbella cobrindo o viatico... As habitações fugiam atadas umas nas outras... O ambiente refrescava, e o céu se alargava como uma enorme colcha azul com pinturas cor de leite e de cinza e de laranja...

As impulsões das molas sacudiam, apparavam, pendiam-no para um lado, sobre o coxim, com umas sensações de carnes abundantes... Foi arrojado a admittir que em vez de um velho tinha a seu lado uma donzella casquilha...

O cocheiro perguntou si parava no cemiterio. O velho disse que sim.

Por entre um alvo collo dos morros se apresentava o enorme lombo do mar azul. Via-se os trilhos do camiinho de ferro escapando-se por entre a garganta vermelha de uma duna rasgada até á raiz... N'uma encosta polvilhada de pequenos mattinhos assentava uma palhoça, d'onde um camiinho obliquo vinha pela areia abaixo, e subia um pequeno andrajoso conduzindo um pote d'agua.

Para o lado de terra branqueava lá no fim de uma avenida depovoada uma egrejiinha nitente... espalhava-se a superficie dos mattos... recortava-se o dorso das serras onde umas nuvens pareciam estar pregadas, e sentia-se os ultimos pestanejamentos do sol. O matiz das orgulhosas copas dos coqueiros, na infinidade verde, com o seu cunho de cultura impingiam-lhes a idéa de que se approximavam de povoados. O velho sorriu como si o aconchegassem á sua terra..

Desejava virar n'um gigante para andar por cima dos mattos como em um relvado, na ôquidão d'aquelle céu, no saudoso d'aquelles grupos de serras, a lobrigar o sol que se

sumia espirrando jactos por entre os vapores, semelhante a uma metralha no momento critico do estoiro...

Abriu-se, n'uma alvenaria caiada, o alto portão do cemiterio.

Uma calçada larga, de tijollos vermelhos, convidou-os a penetrar... Como uma enorme guarita branca, alli erguia-se a capella... O sacristão, na attitude de quem ruma o café do pospasto, conversava com uns amigos no cordão da alta calçada com as pernas penduradas, batendo alternativamente com os tacões n'um epitaphio... Os camiinhos abriam-se entre as obras de marmore, entre as cruces, entre os gradis, entre os pequenos tumulos de alvenaria. O chão ia em declive para dentro. Já estavamos longe dos tumulos do General Sampaio, onde a patria chora sobre uma urna, e do Senador Pompeu, onde uma figura, no topo, encara os horisontes.

Uma floresta de cajueiros e acacias subia de uma floresta de cruces pretas traçadas de letreiros brancos... Muito longe passava a fitinha do muro do fundo... Entramos a arrodar a base da capella, um prisma gigantesco, com duas ordens de sepulturas onde se mettem os esquifes como se fossem gavetas...

—Aqui jaz...

—Conheci este, era um excellento cantor.

—E ..

Uma creança reparava para o coveiro, que ia lá por junto das catacumbas do muro, com a enchada ao hombro e uma cambada de peixes na outra mão.

—Estas perpetuas já estão apodrecendo pela chuva..

As photographias occupando o centro das corôas de perpetuas resguardadas por umas

ovaes de flandres envidraçadas, traziam-lhe á idéa aquelles mortos como si elles fossem apenas ausentes ..

Um recinto reservado isolava o repouso eterno de umas freiras...

E como uma enorme pansa, a areia suja upava no abaulado de uma sepultura fresca.

—Aqui estão virgens, meu velho !

Eu moço bateu-lhe no hombro.

—N'estes corações o amor não alevantou os vapores negros da sua fornalha.

O velho a modos que consultou o proprio coração. E como se fora myope, seguiu passando a mão de epitaphio em epitaphio... Ora lia, ora adivinhava as lettras apagadas... uma simples parede, mais ou menos lisa, e até bem adornada... era agradável...

* * *

A mão entrou e os olhos recuaram. Como uma bocca que quer chupar abria-se uma catacumba no muro, subitamente, a unica desoccupada.

—Accaso algum de nós virá encher-a ?!...

Arripiaram os cabellos .. e o rapaz sentiu-se dentro de um esquivo... entrando por aquelle buraco apertado...

Ouvia o ranger do pinho, a falla e o serio dos coveiros, o silencio doloroso dos amigos, e, mais tarde, já estando lá dentro, o barro frio, frescal, bem amassado, a estender-se maciamente, o cabo da colher do pedreiro batendo surdo a acertar a fiada, e o gume cortando no ar um tijollo para dar na forma arqueada da bocca... O pedreiro botou o ultimo tijollo que foi um pedacinho, com uma pitadade barro.. E ficou o interior escuro, abafado, e o morto sentia de si

mesmo um cheiro insuportavel. Estavaa espera que chegassem os senhores vermes. No dia seguinte veriam rebocar a parede, no outro cair, no outro escrever o epitaphio...

—Aqui jaz...

O seu coração inchava e parecia occupar a catacumba inteira...

* * *

O velho puxou-lhe pela aba do frak, estendendo um olhar indicador para um grupo de moças que arroteavam um pequeno mausoleu plantado de semprevivas...

Tinha cesapparecido o doloroso sonho de morte e vinham os bons idéaes de borboleta.

As donzellas vinham para elles.

Houve uma fulminação reproca de olhares...

A catacumba vasia, bem como o coração bohémio do mancebo voltaram ás suas naturaes proporções de casas de aluguel.

OLIVEIRA PAIVA.



Recibos

—N.º 157 e 158, d'A *Semana*. Rio.

Fallando com franqueza, parece que esta gazeta litteraria desde que o Valentim largou-a está sendo escripta sómente de collaboração, e não por uma redacção. E' assim que se pode explicar a exquisite d'aquella turba-multa de artigos e poesias onde se vê a profnndez critica do Sr. Araripe Junior e a levesa da nova casaca do Sr. Silvio Romero, a sobresahir d'entre uns escriptos já de pennas exercitadas já de verdadeiros estreitantes.

Desde que *A Semana* en-

tendeu augmentar de formato que desappareceu aquella correcção, aquella verve, aquelle pulso masculino que foi o seu successo. D'ahi veio até a mudar completamente de proprietario e de redactores.

Comprehendemos perfectamente o novo programma, que está nas novas idéas do Sr. Silvio Romero. Mas, em nome d'essas mesmas idéas patrioticas, atrevemo-nos a reclamar mais um pouco de selecção—o que não é incompativel com a advocação dos interesses de uma litteratura genuinamente brasileira.

—N.º 3 da *Revista da Familia Academica*.

Os alumnos da Escola Militar, do Rio, costumam ter sempre uma revista, mais scientifica do que litteraria, onde nos dão bellos escriptos sobre philosophia positiva e mathematica, poesias, o critica.

São redactores do novo periodico os Srs, Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Edmundo do Barros, que já foram armados cavalleiros para as lides litterarias. Benjamim Liberato Barroso e Candido Mariano da Silva, que, parece-nos, incumbem-se da parte propriamente scientifica.

Traz bons artigos de redacção e collaboração.

—PROJECTO N. NOVENTA E TANTOS e MEPHISTO, producções litterarias do baile carnavalesco do dia 28, no Club Iracema.

Merecem leitura, não só como fructos genuinos da epocha, mas tambem como bitola por onde se vê que o carnaval d'este anno ha de ter aquella boa e saudavel fecundidade da Idéa, e como amostra do quanto esta cidade ha adiantado em lettras.

O riso a Cervantes e a Rabellais fuzilla aos borbulhões d'aquella glosa bem intencio-

nada feita aos acontecimentos e aos costumes.

O *Projecto de orçamento*, sobretudo, é de uma satyra enorme.

Agradecemos a visita peregrina d'esses meteoros litterario-carnavalescos, e ficamos... pedindo mais.

PELO MUNDO ARTISTICO.

Continúa sendo enthusiasmicamente acolhida a ideia do monumento em honra de Henrique Heine. ideia lançada por um comité, que assim tomou sobre os hombros a realisação do pagamento de uma grande divida da patria allemã ao sublime inspirador dos *Nocturnos* e do *Intermezzo*. Em quasi todos os grandes centros intellectuaes da Allemanha pollulam as adhesões á ideia de perpetuar, no bronze de um monumento, o poeta que nas paginas dos seus livros immortaes legou, por idades e seculos em fora, um gigantesco monumento á sua patria e á humanidade.

A commissão de Dusseldorf, patria de Heine, acaba de receber da imperatriz da Austria, cincoenta mil marcos. A imperatriz, como é sabido, tem sido durante toda a vida uma das maiores enthusiasistas do *Livro de Lazaro*.

Tudo faz prever um grande exito para os iniciadores da brilhante ideia em honra de um dos maiores espiritos de que o seculo actual se póde, com razão vangloriar.

Inaugurou-se em Paris, o monumento a Edmond About no cemiterio do Père Lachaise.

O monumento feito por subscripção compõe-se de um pedestal de granito sobre o

qual está a estatua do illustre escriptor sentado n'uma poltrona, tendo na mão direita uma penna e na outra o seu livro *A Grecia Contemporanea*.

Reuniu em Lisboa a 2.^a classe da Academia Real das Sciencias para votar o parecer de adjudicação do premio D. Luiz I.

Estavam presentes os srs. Jayme Moniz, Silveira da Motta, visconde de Benalcañór, Silvestre Ribeiro, João Basto, Teixeira de Aragão, Antonio de Serpa, Dias Ferreira e Pinheiro Chagas socios effectivos e Luiz Augusto Palmeirim, Candido de Figueiredo, Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, Alvaro Rodrigues de Azevedo e Delphim de Almeida, socios correspondentes.

Em votação nominal foi approvedo o parecer que concluia por conceder o premio ao volume de theatro do sr Henrique Lopes de Mendonça, que encerra o *Duque de Vizeu* e a *Noiva*. O parecer foi approvedo por maioria, votando contra os srs. Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, e Candido de Figueiredo, que declararam que a sua opinião era favoravel á adjudicação do premio aos *Amores de Julia* do sr. Souza Monteiro.

O sr. Chrystovão Ayres allegou porém que o seu espirito vacillava entre o *Duque de Vizeu* e os *Amores de Julia*, e que não teria duvida em votar o parecer, querendo apenas com o seu voto concorrer para que a Academia, embora concedesse o premio a uma d'essas obras, não deixasse de manifestar a estima em que tinha a outra.

O Sr. Antonio de Serpa,

que votou o parecer, lamentou que o regulamento lhe não permittisse votar a divisão do premio entre os *Amores de Julia* e o *Duque de Vizeu*.

O maior successo theatral do inverno em Pariz, é o *Abbé Constantin*, no theatro Gynasio.

A *Revue de Deux Mondes*, e com ella concordam todos os jornaes, diz:

« Depois da reabertura dos theatros, só uma peça teve um exito completo o glorioso: «L'abbé Constantin.»

Agora o exito traduzido em dinheiro: de 4 de Novembro a 5 de Dezembro produziu a enorme somma de 203:000 francos, cerca de 90:000\$000.

Devem apparecer brevemente na Côrte as seguintes obras:

Um volume de poesias do sr. Mucio Teixeira;

O *Rei Phantasma*, romance pelo sr. Coelho Netto;

A traducção da *Divina Comedia*, pelo finado barão da Villa da Barra.

A viuva do czar foi habitar o seu palacio da rua de Las Cases em Paris, onde se realisarão este inverno grandes banquetes litterarios e artisticos, soirées, concertos, etc. A princeza, que fez da França a sua segunda patria, é muito querida pelos parisien-ses e é na sua sala que se veem as altas summidades, como Alexandre Dumas, Renan e outros que raro apparecem na sociedade.

Os *Hugguenotes*, de Meyerbeer, prodnziram uma quasi revolução em Muenster, cidade excessivamente catholica. A opera foi alli considerada como um attentado contra o catholicismo.

ANNUNCIOS

COLLEGIO

DE

Santa Rosa de Lima

situado no saudavel suburbio do Bemfica, servido pela linha de bonds.

As aulas reabrem-se no dia 15 de fevereiro proximo.

Recebem-se alumnas externas, semi-internas e internas.

Ensino pelos methodos mais modernos.

O programma e condições de admissão serão publicados no «Libertador».

A directora,

Julia Amaral.

CURSO DE FRANCEZ

A partir do dia 15 do corrente recommençará o curso de francez theorico e pratico de Mr. de Viremont, em casas particulares e na residencia do mesmo.

A tratar á rua Formosa n.º 25 ou no escriptorio do «Libertador».

Fortaleza 14 de Janeiro de 1888.

PVSSEIO PUBLICO

As corridas de cavallinhos são d'ora em diante aos

DOMINGOS,

TERÇAS,

QUINTAS E

Sabbados

Das 5 horas da tarde ás 9 da noite.

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para—USO DOMESTICO. Louças, vidros, mobílias etc.

Objectos para viagens, brinquedos para creanças.

Artigos para jogos, utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc. 59—Rua do Major Facundo—59

Motta Vieira & C.^a

88--M jor Facundo--88
FORTALEZA

Importadores e exportadores

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 54

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos Compram sempre ouro velho e modas.

CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

LIBERTADORA

48---Rua da Boa-Vista---48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a Popularidade e sympathia do muito illustrado publico cearense,—especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 5

FORTALEZA, 23 DE FEVEREIRO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
Graphologia criminal. — J. DE SER-
PA ;
De preto e de vermelho. — GIL.
Os insectos na fecundação dos
vegetaes. — ANTONIO BEZERRA.
Pelo mundo artistico ;
Duvidas. — ANTONIO SALLES ;
Phases. — R. J.
A saude de um anjo. — JANE DA-
VV.
O lazareto — RODOLPHO THEOPHI-
LO.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 68000
Semestre 48000

Não se accitam assignaturas por
menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

Graphologia criminal

(NOTAS DE LITTERATURA JURI-
DICA)

Vivemos em um seculo de
critica e de analyse. Tudo
se examina e investiga. « En-
sinou-se-nos. em tudo, diz
Daniel Spitzer a perguntar —
porquê? — e não passa cousa
alguma, que não tenha força
para justificar-se deante d'es-
se — quem vem lá? — proferido
pela sciencia. (1). »

(1) Dr. Tobias Barretto.
Menores e Loucos, pag. 33.

E', pode-se dizel-o, uma
tendencia da época. E a ella
obedeceu o grande psychia-
tra e profundo observador
italiano Cezare Lombroso es-
crevendo o seu monumental
trabalho — *L'Uomo delinquen-
te*.

Nesse livro revolucionario,
digno de ser lido, não só pe-
la celebridade do autor, mas
principalmente pelos thesou-
ros de saber nelle accumu-
lados, Lombroso afastou se
muito da idéa exposta e de-
fendida com ardor pelos pa-
thologos do crime. O eminen-
te professor italiano conside-
ra o delicto e a loucura phe-
nomenos *semelhantes*, mas
não *identicos* « Como a doen-
ça, o delicto tem a sua *ethio-
logia*. tem mesmo a sua *tera-
pia*. mas não é uma doença

« Da mesma forma que as
affecções marbosas propria-
mente ditas se explicam, ás
mais das vezes, pela lei bio-
logica da hereditariedade, as-
sim tambem os crimes são
para elle quasi sempre re-
bentos de *atavismo*, sem que,
contudo, uma cousa se con-
funda com a outra » (2).

Mas, ao mesmo tempo que
o notabilissimo autor do *Ho-
mem delinquente* se asupe-
riora a maioria dos escriptores
que se têm occupado do assum-
pto, apresenta-nos, no seu *hy-
perbolismo scientifico*, verda-

(2) Dr. Tobias Barretto
Estudo sobre C. Lombroso,
pag. 158.

deiras hypotheses como pon-
tos assentados na sciencia.

Para provar este assetto,
basta estudar o capitulo da
obra consagrado ao *modo de
escrever dos criminosos*, que
o Dr Tobias Barreto cha-
ma muito apropriadamente
parte *graphologica* do crime.

Pensa o illustre psychia-
tra, que assim como os gestos
d'um individuo, a sua voz, a
sua maneira de pronunciar,
a sua marcha, todos os phe-
nomenos devidos á acção de
certos musculos, dão muitas
vezes indicações uteis sobre
o estado de sua alma, trata-
do-se aliás de movimentos
instantaneos, que desappare-
cem apenas produzidos; do
mesmo modo a calligraphia,
que é o resultado de um movi-
mento que permanece duran-
te muitos seculos, depois de
manifestado, pode caracteri-
sar perfeitamente o crimino-
so. (3)

E depois de lamentar
que os estudos d'essa especie
enham tido por objecto a sa-
tisfação de uma curiosidade
pueril e não um eslebre-
cimento scientifico, diz á pag.
484 da sua obra .

« Si je résume les études
faites sur mes autographes,
(que je dois á l'obligeance de
M. M Alfred Maury, Dire-
cteur des Archives de Fran-
ce, de Muoni, de Beltrani—
Scalia) dont le nombre s'élève

(3) *L'Uomo delinquente*,
edic. franceza, pag. 483.

à 521, je crois pouvoir les diviser en deux groupes bien distincts.

« Le premier groupe est constitué par les *homicides*, les *voleurs de grand chemin*, les *brigands*. La plus grande partie d'entre eux est *caractérisée* par un allongement des lettres, parce que les gens du métier appellent l'écriture gladiolée, c'est-à-dire la forme plus curviligne et ou même temps plus saillante du prolongement des lettres, soit en haut, soit en bas. Chez un bon nombre, la barre du *t* est forte ou prolongée, comme on le remarque généralement pour les gens de guerre et les personnes énergiques; chez quelques autres les lettres forment avec leurs traits des angles aigus. Chez tous, la signature est ornée d'une quantité de petits traits et d'arabesques qui la distinguent aisément de toute autre.

« Le second groupe, exclusivement composé de voleurs, se distingue nettement de celui qui précède: il offre pas de lettres gladiolées, mais toutes sont écartées, molles; la signature n'a rien de saillant, est presque dépourvue de paraphes. En somme, cette écriture se rapproche de celle de la femme et n'a pour ainsi dire pas de caractère. La caractéristique du groupe se rencontre dans la signature d'Honeyman.

« L'écriture des femmes homicides ressemble beaucoup à celle des assassins du sexe fort. En général, toutes se rapprochent de la forme virile.»

Criticando esta parte da obra de Lombroso, escreve o Dr. Tobias Barreto, *Menores e Loucos*, pag 163:

« Sem contestar o fundo de verdade que ha nas apre-

ciações do sabio italiano, não é possível, contudo, acceder se a todos os seus propositos. O máo caracter de letra de um Cartouche ou de um vidocq pode servir para juntarse, como complemento, ás muitas outras provas do máo caracter do homem; mas considerado em si mesmo, isolado de outros factos, como indicio de qualquer qualidade psychica, é mui difficil crer que signifique alguma cousa, digna de attenção »

Profundamente justa esta observação.

A escripta pode fornecer dados mais ou menos seguros para se conhecer a situação moral, o estado d'alma do individuo - no momento de traçal a. Mas é muito dubitavel, que possa caracterizar precisamente uma classe de homens, e d'entre estes os que são dados a taes ou taes crimes. Affirma Bernard Schmitz que defeitos de pronuncia *podem se tornar* defeitos de caracter. E' o que se pode dizer da escripta. A calligraphia, em sua eloquencia muda, pode fornecer provas de um crime, porque assignala o estado psychico d'aquelle que a traçou. Mas d'ahi a uma indução scientifica vai uma distancia enorme.

E ha ainda a considerar os grandes delinquentes ou se trate d'aquelles que Lombroso denomina *criminosos natos*, ou d'aquelles que, dotados de qualidades extraordinarias, se habituaem facilmente a pratica do crime. Estes podem calligraphar - no momento do delicto ou sob as impressões d'estes, -- com a mesma segurança e tranquillidade das situações normaes.

Então, a que se reduzem as theorias do notavel psychiatra italiano?

Onde a base dos seus estudos graphologicos?

Abstracção feita de uma ou outra injustiça, veem a proposito estas observações d'um profundo criminalista brasileiro:

« Em quanto a philosophia de Kant, Fichte e Hegel dominou o mundo pensante, foi justamente que o numero dos criminalistas philosophos, em nosso seculo, tornou-se legião.

« Hoje, porem, que a direcção dos estudos é diversa, hoje que a philosophia cedeu o passo ás *sciencias naturaes*, de cujos triumphos a medicina é a melhor representante e mais apta vulgarisadora, apparece o reverso da medallha. Os penalistas pathologicos e *psychiatras* surgem aos grupos e tornam, com as suas idéas, pretendidas originaes, não poucos livros e revistas completamente este-reis.

« E' um defeito caracteristico da actualidade. Todos os paizes cultos têm mais ou menos pago o seu tributo á essa tendencia da época. Mas sobretudo na Italia é que o phenomeno já vai tomando as proporções de *mania*. Alli surgiu nos ultimos tempos uma nova escola, que agrupada em torno do professor Lombroso e de outros medicos, *somente medicos*, exagerando por demais a pequena somma de verdades, que a *psychiatria* pode fornecer á *theoria do crime*, tem chegado quasi ao ponto de fazer do direito criminal um anachronismo, e do criminalista um orgão sem funcção, um orgão rudimentar da sciencia juridica.»

Consequencia da falta de limites, nos dominios das sciencias, e mais ainda do *hyperbolismo scientifico* d'es-

sa jeune école presomptueuse, conforme á expressão de Renan

Felizmente para a humanidade as legislações estão ainda muito longe de se deixar fascinar pelo brilho das novas doutrinas. Entre a theoria e a pratica medeia ainda um verdadeiro abysmo.

J. DE SERPA.

De preto e de vermelho

Um jaqueo encarnado, com enormes botões de papelão, estava a cair das costas da cadeira. Enroscava-se pelo tijolo uma calça de chita. Um collete azul, com um correntão fofo, escanchava-se, como por acaso, no puuho da rede, e no relógio levíssimo escapado da algibeira lia-se uma hora e uns minutos mais adormecidos que o proprio dono. A camisa, toda manchada, como si fôra de um assassino, esparramava-se no pó, e advinhava-se por baixo d'ella a forma de um chapeo de feltro. Um sapato pisava na meza, revirado, entre os livros e os frascos.

Da porta entrecerrada estendia-se uma nesga mais clara, e pelas telhas penetrava em pequenas linguetas symetricas o dia exterior.

O tinteiro, entornado, com o fundo azul para cima, com a larga bocca embeijava a tinta derramada como um lago de agua preta. Erguida sobre a meza a estante, com os livros silenciosos de rotulos disparatados com a occasião uns em pilha, uns escorrido e nos outros como bois de carro.

Engoiavam se no cabide roupas de linho servidas.

uma robe de chambre de chita alegre, e andainas diarias. Algumas peças cabidas redobradas pelo proprio peso. N'um gancho um palitô branco retesava as mangas bilateralmente. Sentia se um odor de raizes, de poeira, e de suor.

As varandas da rede não denunciavam o menor movimento, e dentro d'ella se estendia um corpo quasi na direcção das aguas tranquilas.

Entretanto, positivamente, o rapaz não dormia, embora estivesse insensivel a coscega que fizessem as patas de uma mosca passeiando-lhe pelo nariz.

Elle estava era n'um baile de mascaras, melhor do que o verdadeiro, augmentado, completado, com delicias e com horrores...

Elle sentia atroar pelos salões a pancadaria da quadri-lha pavorosa e damnada e louca, vermelha como o sangue vivo, e negra como uns olhos que conheço.

Donzellas trajadas phantasticamente... mancebos de mascara levantada...

Atravez da vidraçaria colorida elle, do seu galope onde o assoalho fugia, avistava duellos sob as espirradeiras do jardim á luz do gaz notivago.

Aconteceu encontrar n'um par cuja dama vestia de rinha do oriente... Havia grupos de homens de ponto em branco nas portas... Além sobresahia um resplendor n'uns cabellos castanhos... Tremeluziam as cores das phantasias... Via-se braços nus, collos nus... E um adoravel cheiro de virtude envolvia tudo como a luz dos grossos candelabros.

De mãos dadas, apertava e affrouxava o cordão dos pa-

res no en avant tous... O circulo entrava a ondular-se na grande chaine, como as escamas de uma cobra que caminha. De vez em quando uma enluvada maosinha demorava-se mais na d'elle, e temendo o choque dos olhares, punha-se a vista era no peito alheio com uma polidez disfarçada.. E sentia se ali uma irresistivel attração virtuosa de sexo a sexo... Que enorme differença entre aquelle sarão cearense no pleno gozo das regalias da instituição da familia e as dansas orgiaticas onde elle oxidara o rijo ferro da sua juventude!

Positivamente, o rapaz não estava dormindo... Agora ia de braços, com outros muitos, e no jardim, na grande luz das lanternas, debaixo da grande noite das estrellas libavam, trocavam ideias, gargalhadas, sentimentos...

Ali sob aquelle galho de jasmims rutilava um barrete phrygio n'um rosto moreno... por tras de uma cadeira encostada a abundante copa de uma palmeirita branqueava uma grinalda de penas, d'onde desciam setinosos cabellos castanhos para um traje canadense... ia, pujante e simples como a lei de Moysés, uma Rachel por aquella avenida e duas outras donzellas metamorphoseadas em duas grandes flores

Luze acolá o alfange de uma Judith e o gume de um ferro de ceifa. Pela vidraçaria gothica, como si fossem pinturas semoventes no vidro, passam mascarados val-sando... um anjo vestido de diabo, e uma nobre menina com o avental e a touca de servente... aquella conduz a rede e o gorro de pe cador... uma, de olhar brandamente sublime tem a tiracollo um cantil de vivandeira onde na-

turalmente está o nectar do batalhão das musas.

Treme no tumulto das cabeças a pluma de um chapeo de caçador...

A orchestra agora é branda e sinistra, depois garganteia, ora empurra os pares, ora os deixa correr como a baleia fisgada... Sente-se peito contra peito o arfar de respirações... eternisa-se o minuto bronzeadamente gravado na memoria... a pobre nadez humana está completamente transubstanciada pelo milagre das vestimentas e da nevrose... e é-se obrigado a admittir a idéia necessaria de um paraíso...

Ha memnas tenues como a garça e singellas como as grandes magnolias e de vozinha tepida como um afago de rolas, que parecem satisfazer-se apenas e bastante com o calor irradiante do grande sol do prazer que a todos manda... são como os serafins, cujas almas subiram pela sua propria leveza ao morrer o corposito nos braços das mãos de infinito olhar sentido.

Ha outras que si tivessem azas iam estas de uma porta a outra... e são como os achanjos valentes los combates militoneanos... E nuvens surgiam, e clareamentos dourados. Debaixo dos pés ellesentia o longe trovão das coisas terrenas. Estava como em um balaão que passou o limite dos vapores adousados...

A sonharia foi-se esbatendo até empastar-se no nada...

O rapaz dormia... positivamente.

Como elle estava de seu!

Mas subito um relampago fulge pela rotula da janellinha e segue-se a pancada estridente de uma vidraça que bateu no sobrado fronteiro

Foi como a voz do patrão.

*

Pouco depois arrastava elle o lençol, como uma capa de rei, pelo quarto em roda, a procura da roupa.

E enchia o mesmo quarto com o irresistivel--ah--de um prolongado bocejo, que tinha para elle o valor inestimavel de uma descarga nervosa.

GIL

Os insectos na fecundação dos vegetaes

Muito se tem escripto acerca da respiração, transpiração, somno, sensibilidade, movimentos, voracidade, nupcias e migração dos vegetaes; e como preoccupa actualmente a attenção dos sabios mais illustres um facto não menos notavel nesta parte das sciencias naturaes, qual é o de demonstrar-se a influencia dos insectos na fecundação dos mesmos vegetaes, esforçame-hei por dar ligeira noticia sobre o assumpto, que julgo não tanto attrahente quanto maravilhoso.

Desde o fim do seculo passado o celebre naturalista Conrad Sprengel reconheceu que a maior parte das flores nectaríferas não podiam ser fecundadas sinão por intervenção dos insectos.

Juntou observações a observações, dedicou-se seriamente a esse interessante estudo, e ao cabo de muitos annos convenceu-se de q' repugnava a natureza que uma flor completa se fecundasse por si mesma, mas que ao contrario o pollen de uma era transportado sobre o estigma da outra, e tabi inevitavelmente a necessidade para essa operação de agentes exteriores.

A sua obra passou despercebida, e acabou por cahir no esquecimento.

Andrew Knight, que appareceu mais tarde, e procedeu a minuciosas experiencias sobre a autofecundação e a fecundação crusada das mesmas flores, accrescentou a theoria daquelle sabio allemão que: a natureza exigia que se estabelecessem relações sexuaes entre plantas visinhas da mesma especie.

Era o pensamento de Sprengel, e apesar da insistencia com que divulgava os seus escriptos, não teve melhor acolhimento que o seu antecessor.

Foi somente quando appareceu o curioso livro de Darwin, *Fertilization of Orchids*, ha cerca de vinte annos, que ficou conhecida a theoria de que o crusamento em algumas plantas se realisa necessariamente, e é operado em geral pelos insectos em consequencia da adaptação entre estes e aquellas; por exemplo, nas Orchideas, quasi todas as flores são admiravelmente predispostas até nos mais insignificantes detalhes de estrutura á visita dos insectos, de tal modo que não podem elles deixar de operar a fecundação.

Sobre esse facto incontestavel Hermann Muller disse a ultima palavra.

Feita esta succinta exposição historica da theoria floral, vejamos como se effectua a adaptação das plantas entomophilas á fecundação crusada, os meios por ellas empregados para attrahir os insectos, e a adaptação destes para as flores.

Os agentes que concorrem na fecundação das plantas, segundo Delpino, são a agua, o vento e os insectos, razão por

que os botanistas modernos as chamam ontomophilas.

Não cabe aqui discrever largamente a disposição das flores dessas plantas, cujos órgãos são formados para receberem a visita dos seus fecundadores.

Muller explica com vantagem o papel que os insectos exercem nesse trabalho quasi obrigado.

Estes em geral e em particular os hymenopteros, representados pelas abelhas, cuja intelligencia é bem conhecida, são os mais notaveis. os que fornecem maior numero de promotores de fecundação.

Está subentendido que são preferidas as plantas diclinas, as dioicas principalmente, cujas flores masculinas e flores femininas se acham em individuos diferentes.

Grande parte destas plantas são fecundadas pelo vento, como as palmeiras, os pinheiros etc., e nestas condições prestam-se a fecundação cruzada, não podendo transmitir-se o pollen si não pelo auxilio dos agentes exteriores.

Aquellas em que o vento tem accção directa, chamam-se anemophilas, e o processo de sua reprodução já era conhecido desde o tempo de Herodoto, de Prosper Alpin que o observou entre os Orientaes.

Os Egypcios e até os Negros tem d'elle conhecimento, e o botanista Gleditsch o affirma, quando refere o facto da palmeira que vicejava no seu jardim na capital da Prussia, a qual conservando-se estéril, fez vir de Dresda pollendo outra da mesma especie, mas de sexo differente, e dentro em pouco o lindo vegetal apresentava-se carregado de fructos.

Dotados deapparelhos apro-

priados ao fim a que se destinam, isto é, armados de escovas no ventre e nas patas para colherem os granulos pollinicos, os insectos nas visitas as suas favoritas esfregam o abdomeu e deixam cahir no leito nupcial o pó benéfico, que as torna fecundas.

Burdach, o notavel physiolista allemão, leva seu entusiasmo por essa theoria á ponto de dizer que as flores não conservam sua pureza originaria, si não porque seus fiéis visitantes lhes consagram toda a sua ephemera existencia e não frequentam nunca outra especie.

Em compensação dos grosos que delles recebem, ellas, as flores, offerecem-lhes delicias que os attrahem á novas visitas.

Alem dos nectarios, onde encontram agradável alimento, os sedusem ainda pelas cores vivas e pelo aroma, ora suave, ora nauseabundo.

Si em alguma, a disposição do estigma torna impossivel a autofecundação, as petalas brilhantes da corolla fazem attrahir os fecundadores.

E' facto averiguado que os insectos, visitando grande numero de flores, preferem as de colorido mais activo.

Com relação as que se expandem á noite, que em geral são de côr branca e amarello pallido para mais sobresahirem na escuridade, é pelo perfume que despertam a attenção dos affectuosos amantes, e onde quer que se escondam, elles lá vão ter, levados pela delicadeza de seu aparelho olfativo muito mais sensivel do que o nosso.

Negeli tirou disse a prova. Collocou em alguns ramos flores artificiaes odoriferas pela applicação de essencias e flores naturaes desprovidas de aroma, e reconheceu que to-

dos buscavam de preferencia as primeiras.

Os perfumes suaves attrahem as abelhas, os penetrantes as borboletas, os desagradaveis as moscas (dipteros) que se alimentam de carne em putrefacção.

Não há, pois, duvida que os insectos occupam o primeiro logar entre os agentes fecundadores, e que se adaptam as flores, como estas a elles, pelo que se pode concluir com Dodel-Port que «cem mil especies de vegetaes teriam desaparecido rapidamente da superficie do globo, si cessassem de reproduzir flores coloridas e nectariferas.

ANTONIO BEZERRA.

PELO MUNDO ARTISTICO.

As ultimas novidades theatraes em Pariz, são: *L'Affaire Clémenceau*, peça em cinco actos, extrahida do romance de Dumas, Filho, com o mesmo titulo, e *La Lycéenne*, comedia extravagante, em tres actos, de Feydeau, com alguns numeros de musica, escriptos pelo compositor Serpette, e que veio provar mais uma vez a crise por que está passando a opereta em Pariz. Pelo menos, os theatros dedicados a este genero tem-se agarrado esta anno ao *Vau-deville*, que já teve a sua época de popularidade.

Na Allemanha, entretanto a opereta vai progredindo cada vez mais. Infelizmente, os librettistas são mediocres e estão muito áquem dos francezes.

Vae ser extrahida uma peça do victoriado romance «Mesonges» de Paul Bourget.

Sobe a scena proximate, no Vaudeville, uma nova comedia em tres actos, de Alexandre Hepp, intitulada: «La maison du Bon Dieu».

★

Camille Ondinot conclue n'este momento uma nova peça, estudo de costumes, que tem por titulo: «Adultere sentimental».

★

Emilio de Najac leu aos artistas do «Renaissance» uma peça em tres actos, escripta em colloboração com Millaud, e intitulada os «Hypnotisados!» A peça sobe á scena brevemente n'aquelle theatre.

★

Guy de Maupassant vae dar á publicidade um novo romance: «Pierre et Jean».

★

Alphonse Daudet acada de publicar um novo livro, com o titulo de «Trente ans de Paris.»

★

Bailly e Dubois, extraíram um drama em 5 actos do romance «Le mále», de Lemonnier.

★

O presidente do ministerio italiano, o sr. Crispi, vai organizar um ministerio de bellas artes, para o que solicitou dos governos estrangeiros o texto dos estatutos ou das leis, respectivas á intervenção official em questões relativas ao theatre. Bom seria que fizesse o mesmo em Portugal, onde o direito da propriedade litteraria e theatral continua a ser letra morta.

★

Camille de Saint Sacos está concluindo a sua nova opera «Benvenuto Celini», que será o grande acontecimento musical de Paris, este anno.

DUVIDAS

A HERMINO BARROSO

A's montanhas azues que attentamente
Do firmamento a curva estão fitando
E vêem quando o sol se alteia e quando
Desce ás regiões sombrias do occidente;

A's velas que se vão saudosamente,
Mar em fora, á mercê do vento brando
Que á flor das agnas mansas passa rente
E vai de vaga em vaga modulando

Umás canções dulcisonas, suaves;
Ao fugitivo préstito das aves;
A's palmas herculeos coqueiraes:

Eu pergunto:—Pra encherço cêo vasio,
E' branca ou negra a nuvem que o bravo
E vario vento em seus arcanos traz?....

ANTONIO SALLES.

PHASES

Era uma candida creança, cheia
De tons suaves, divinaes, ethereos,
Loura visão a prometter mysterios
De insondavel amor.

Eu desejei-a.

Fizera-se mulher; me arrebatava
Em transportes de amor e de ternura
Para um Eden de cêlica ventura
De ineffaveis delicias.

Eu a amava.

Com santo affecto, as cabezinhas
(d'ouro
Ella amima, sollicita, enlevada,
Em luminoso effluvio mergulhada.
E' a mão de meus filhos.

Eu a adoro.

1887.

B. J.

A saudade de um anjo

Apenas os labios maternas contraídos por uma dôr enorme pousaram o ultimo beijo nas palpebras arroxeadas de Lili, sua alma innocente e pura voou para o cêo.

Uma nuvem dourada pelos raios do sol que acabava de nascer por tráz da collina, n'um dia de estio brilhante e formoso transportou-a do mundo á patria dos anjos.

E Lili pensou que sonhava ao vêr-se n'aquella man-

são de delicias, inundado por uma luz que quasi lhe destumbrava os olhos, respirando perfumes mysteriosos e de uma suavidade tal que pareciam se evolar de um immenso vergel de rosas e jasmims.

Os cherubins vieram recebê-lo contando hymnos festivas. Tinham azas deslumbrante e roupagens de finissima gaze e eram todos tão lindos que Lili quedou se a contemplal-os em verdadeiro extasi.

Uns tangiam aureos bandolins, outros tiravam das harpas sons harmonioso, outros enfim dedilhavam instrumentos desconhecidos com uma gentileza encantadora.

A entrada de Lili no cêo era uma festa.

Os anjos levaram-no em triumpho para as moradas paradisiacas.

Atravessaram parageus luminosas onde o ar estava impregnado do aroma de incenso e myrra.

Por todos os lados brilhavam flores as mais bellas e que em nada se assemelhavam ás dos jardins terrenos.

Lili procurava recordar-se do que lhe havia acontecido.

Lembrava-se que estivera muito doente, que sua mãe não se afastára um só instante de junto de seu pequeno leito, que lhe vira sempre nos olhos vestígios de pranto, que ella o beijára repetidas vezes com muito carinho.

Tinha sentido um peso estranho na cabeça, um entorpecimento em todo o corpo. Um frio glacial se apoderára d'elle, sentira vontade de dormir e fechára os olhos.

Depois... não se lembrava de mais nada.

Por isso figurava-se-lhe sonho tudo o que estava vendo. Achava-se muito á vontade entre aquella legião de anjos risonhos e carinhosos, era tão bonito tudo o que o rodeava que elle não desejava acordar.

Transformára-se em cherubim. Tinha azas transparentes como os raios de uma estrella e um diadema de esplendidos diamantes ornava-lhe a fronte.

Tornára-se leve como uma borboleta e voava inebriado de felicidade a par de seus amiguinhos por entre o exercito de bemaventurados e virgens cercadas de esplendor divinal.

Aproximaram-se de um throno illuminado por um fulgôr ainda mais bello e intenso.

Os perfumes tornavam-se mais enbriagantes, os cantos mais ungidos de amor junto do solio magestoso do santo dos santos.

Lili ante aquelle espectaculo surpreendente e sublime comprehendeu o que acontecia. Estava no céu!

Aquella delectável habitação era o paraíso. Sua mãe falára-lhe tantas vezes.

—Si fôres bom e obediente, meu filho, diria-lhe ella, Deus gostará de ti e te reservará um lugar junto de seu throno.

Realisára-se a promessa; elle estava perto do throno de Deus.

Mas então tinha morrido sem sentir dôr alguma. A doença lhe havia minado pouco a pouco a existencia e elle se finára como flôr a que falta seiva e orvalho.

Como era bom morrer pequenino!

No céu só havia risos, musicas e perfumes; nem um rosto triste, nem uma sombra de dôr.

Deus beijava as frentes dos seus anjos com ternura do pae e a Virgem alisava-lhes os louros cabellos, envolvendo-os em carinhos verdadeiramente maternas.

O mundo era tão feio e triste!

Pequenino como era Lili não comprehendêra suas misérias e sofrimento; mas vira muitas lagrimas nos olhos dos pobres que estendiam a mão pedindo com que matar a fome. Creanças de sua idade andavam quasi nús e descalças atravez das ruas nos longos dias de inverno expostas á chuva, e á lama.

No céu porém, eram todos formosos como um riso d'alvorada, trajavam riquissimas galas, não havia ricos nem pobres, todos sentiam o mesmo prazer e tinham direito á mesma felicidade.

Mas no meio d'aquelle viver inexprimivel, d'aquelles gosos sem macula que transportavam as almas eleitas em um rapto de intima adoração aos pés de Deus, entre aquelles canticos que deliciavam os ouvidos e aquelles aromas que se espargiam cada vez mais suaves, cercado

da infinidade de cherubins e seraphins que acompanhavam o sequito imponente das virgens e dos justos Lili teve saudades do mundo.

Lembrou-se de sua mãe que lhe queria tanto e que devia estar inconsolavel pela sua morte.

Teve sêde de seus beijos, de seus affectos, de todas aquellas caricias com as quasi ella o festejava quando abria os olhos todas as manhãs.

O céu com todos os anjos, archanjos, virgens, santas e martyres não valia um só dos affagos d'ella.

E Lili sentiu uma saudade profunda. Trocaria tudo aquelle que ainda ha pouco o extasiava por alguns dias mais passados junto de sua mãe.

Deus viu o que se passava na alma do pequeno cherubim e se apiedou de sua tristeza.

A mesma nuvem dourada envolveu-o como uma rêde de luz e opala, e em breve foram desaparecendo a seus olhos todas as belezas e esplendores da mansão bemaventurada.

Lili viu-se no seu leito e sentio nos labios a doçura de um beijo de sua mãe, ao mesmo tempo que um alegre raio de sol vinha brincar-lhe no rosto.

JANE DAVY.

O LAZARETO

(FRAGMENTO DE UM LIVRO)

Caminhavamos pela praia. A cidade da Fortaleza nos ficava ao norte e seguíamos o rumo de oeste.

A manhã era clara e serena, o mar espreguiçava-se na

costa nua e no espelho das aguas retratava-se uma procissão funebre, que acompanhavamos.

O nosso espirito concentrava-se em meditações tristes e profundas! A epidemia da variola havia chegado ao auge da devastação! Mais de cem mil variolosos de todas as classes gemiam na capital e seus arrabaldes, levando assim a calamidade o luto, a desolação á todas as habitações!

Nós seguíamos o cortejo funebre. Uma fila de mais de trezentos cadaveres ia para a vala mortuaria. Aquelle immenso enterro aterrava e compungia! Por sudario as vestes rotas de retirante e por esquife tinham os mais felizes a pobre rede em que dormiam! Outros, entretanto, por mortalha e féretro um grosso panno de estopa em que eram envolvidos e atados á um páo para poderem ser conduzidos a sepultura!

Caminhavamos tristes e desalentados. O modo pouco decente porque eram levados ao cemiterio as victimas da variola, aquella incuria da hygiene publica era a prova a mais evidente da enormidade do flagello!

Seguimos até o lazareto da Lagoa Funda. Tinhamos escoibido aquella manhã para as tristezas, para os desalantos.

Entramos nos dominios do soffrimento, da morte.

Tristes logares, habitação da dor!

O que será um lazareto de variolosos, perguntarão os leitores que tiveram a felicidade de nunca vizital-o. Nada mais que um mar de pús onde boiam enfermos, moribundos e mortos! Onde a todos os momentos ouve se desde o lento gemido da extrema agonia até o grito estridente e desconcertado da loucura!

As enfermarias regorgitavam de enfermos! Havia de tudo! Corpos em carne viva, como se um caustico de brazas lhes houvesse destruido a epiderme, e porisso mesmo sensiveis ao menor choque, ao peso dos proprios tecidos! infelizes, loucos pela doença, rasgando as pustulas com as unhas e comendo a crosta coberta de pús! desgraçados já sem razão, entre a vida e a morte á darem gemidos profundos, ais magoados, com os tecidos podres, nos delirios quasi da agonia, procuravam estar de pé, mas a carne já putrefata se de-pregava dos ossos e ficava agarrada ao chão do lazareto!

Nós percorriamos a passo lento as enfermarias.

Tudo fugira! As portas do mundo de illuzões se haviam fechado aos enfermos e n'aquelle pavoroso recinto gemeriam sós e esquecidas se a caridade não os procurasse.

Via-se alli o sublime e o horrendo! O espirito ao mesmo tempo que se abatia ante o soffrimento d'aquella porção da humanidade se elevava ao incomprehensivel! Era o sublime, era a caridade.

O bispo da diocese D. Luiz Antonio dos Santos, enfermo e velho, grave como a consciencia do justo a ministrar socorros espirituaes aos desgraçados que apodreciam em vida!

Em sua physionomia não se percebia um gesto de contrariedade, um traço de repugnancia ao pús fetido que muitas vezes molhava-lhe as mãos, salpicava as suas vestes sagradas! No meio d'aquellas scenas de dor destacava-se a figura do apostolo do Crucificado á confortar os que d'elle se aproximavam!

A sua missão era tão ardua, quanto sublime!

Elle era o conforto, a espe-

rança d'aquelles desgraçados. Commovidos ouviamos as palavras de consolação unguidas de ternura e de bondade com que elle procurava confortar a alma dos infelizes moribundos. Que exemplos edificantes de piedade christã! Como suaves eram as suas palavras!

Dez annos depois o Ceará dava ao apostolo da caridade, graças a iniciativa do seu successor o venerando bispo D. Joaquim José Vieira, uma prova de que não se havia esquecido dos beneficios recebidos d'elle nos dias das provações as mais crueis; ia perpetuar o seu nome e a gratidão de seus filhos eregindo-lhe um monumento.

RODOLPHO THEOPHILO.

ANNUNCIOS

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS
Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos

Compram sempre **ouro velho** e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N.º 4

FORTALEZA, 11 DE MARÇO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente :
De penna atraz da orelha—GILBERT.
Pelo mundo artistico.
Belleza Forense—E. CLOTHDE.
Le Palmier qui parle—De VIREMONT.
O bom visco.—PAUL ARÉNE.
Paizagens—EDMUND DE BARRÉS.
Ao luar—ANTONIO SALLES.
O bom gosto Fortalezense.
Recibos.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 68000
Semestre 48000

Não se aceitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

De penna atraz da orelha.

A vidraça tinha batido na casa fronteira, sacudindo um relampago pelo quarto a dentro, e foi como a voz do patrão que o despertasse com todas as peripecias de um ~~carão~~ regra.

Depois de ter percorrido o quarto, com o lençol de chita forradinho de branco arrastando como uma capa de rei, a procura do palitô de alpaca, do collete de fustão, da calça de gazineta, da gravata, e do chapeo cinzento, desenterrando tudo isso do meio da desordem geral co-

mo de uns escombros, enfiou a bota. Esta parecia ter o rosto inchado, como o do dono, sem lustro, como si lhe houvessem esfregado uma lixa, ella, a bota que hontem á noitinha luzia como uns olhos negros !

Quando elle alçou a perna, entendiando o dedo na presilha do canno suarento, o solado amostrou uma grande parte roida que punha em evidencia os pontos até á palmilha.

Aquelle sapato nem mais rangia ! Coitado era como a maior parte dos rapazes depois que se casam. Ai da rangedeira, do lustro, do tacho, do elastico, da integridade da sola e do coiro !...

O rapaz philosophava assim, cochilando sobre a outra bota, que apanhou, de perna estirada, e o pé já na meia côr de café com a pontinha branca.

O poder gigante da inercia calcava-o: e o dedo magnetico dos sonhos descia-lhe de novo as cortinas dos olhos. Como n'um engenho d'agua o fio de magro corrente, cahindo, cahindo, incute o giro veloz á ingente rodeira, assim, breve a modorra foi despertando a espantosa engrenagem d'aquelle cerebro.

As idéias da gente ficam as vezes como fogo de monturo...

Vinhama-lhe, como em opera magica, as apprehensões de antes da festa, quando o carnaval era ainda o ama-

nhã; as commoções do primeiro momento; as emoções, os desvarios, a especie de abstracção, de albeimento, que nos assalta em dados instantes no forte, no bom do prazer.

Sonhando a dormir repetiam-se lhe episodios do sonhar acordado... E como si fosse passado, intromettia-se por ali mephistophelicamente o futuro, isto é: o escriptorio, o pavoroso, o saturno escriptorio com a sua carteira bestial, com os seus livros sem intelligencia e a sua penna sem luz... Do cantinho da prensa do copiadador, entretanto, sahia distinctamente uma senhora.. aquelle escriptorio era d'elle agora... que ventura, elle se transformava no patrão... aquella era a esposa d'elle que vinha reforçal-o com os segredos do seu ser... chamava-o para almoçar, e elle voltava se risonho : — Já vou.

Os livros e as pennas agora para elle chegavam a sentir: não tinham intelligencia, nem luz, mas eram os seus amigos...

E tinha rancor a tudo que não fosse ella. Qual baile, qual nada...

O sapato cahiu-lhe da mão... Diabo, o salto bateu oco, indifferente, machinal, frio como um aviso de despedida. . O coração bateu... Faltava banhar o rosto e passara escova nos dentes, pen-tear-se, escovar-se .. porque enfim até isso a casa exigia.

A bacia e a moringa apresentavam-se na janella, por onde entrava o ruido da vida resurgida na quarta-feira de cinza...

O sol parecia ondular com o vento por cima dos telhados como no panno de um circo...

Ao contacto da agua fria nos dedos, á caricia do ar exterior, o rapaz, esfregando os dentes na sua janella, vestido como um tresnoitado bohemio, foi que começou a acordar apenas... o sangue, chamado ás gengivas pela fricção da escova, a mucosa da bocca vasculejada pela agua, o movimento do braço, — como um cheiro que se applicasse ao nariz, n'uma syncope, — chamavam-n'o á vida muscular.

★

Porém as ruas ainda estavam calçadas.

No meio do quarteirão parava uma velha carroça roxo-terra; e sentia-se asperamente o chiado secco da vassoura da limpeza publica.

Pausadamente caminhavam os caixeiros, em numero escasso a abrir as lojas. Ouvia-se espaçadamente grunhirem as linguetas, rosnaem os gonzos, em um quasi silencio. Passavam rareados convalescentes para as vacarias; e distribuidores de pão com as cestas de vime ao hombro com a costumeira manta encarnada.

Assanhava-se a bemaventurada sonaria dos sinos, tocando ao descarrego das consciencias.

E desapareciam na esquina resadeiras apressadas

Raparigotas de vestido simples e cabello penteado com agua, as mãos cahidas sobre o ventre, com o lenço, o rosario e o manual; os sapatos comidos para um lado, de

elastico esgadolhudo; a vista para o chão como si atravessassem uma região impudica; a tez pallidecida, iam, com o erectismo abafado de quem sorve a nevrose do templo por lhe ser inacessivel a nevrose do mundo..

Os caixeiros sacudiam as traucas de ferro, e varriam os interiores.

Via se, d'elles, alvos, robustos, de mangas arregaçadas. Defronte uns arrumavam peças de chita, com o olhar tresnoitado e pequenino.

Um bello dia que se levantava na rua! Longe ouvia-se o bater de uma enxada e o chiar intermittente de uma serra. Um caixeiro moreno por demais, de cabello a escovinha, novato, muito puxado no serviço, parecia notar longamente os transeuntes, com a vassoura em descansa, e manifestava a presença desanuviada de quem conservasse ainda a doce brutalidade do sertanejo. O arzinho de chuva, que ameaçava, devia lembrar-lhes que habitar nos mattos, bebendo leite e jantando arroz com carne odorante a queijo: respeitado não so pelo cabroeiro, que costumava tratar a meninos de familia por *séo cadete*, como pelas autoridades e funcionarios que soiam passar as mãos pela cabeça do filho do doutor fulano, e do capitão sicrano, era preferivel a sujeitar-se aos appellidos de *cabeça de toicinho*, *cabello de espeta-cajú*, a suportar os carões do patrão, e a aguentar o máo trato dos collegas...

Enfiavam para o Mercado varios vendilhões, entre os quaes destacavam-se os de hortaliça, com a luzente bacia de zinco d'onde repolhava o setim das alfaces, o crespo das

couves, e reportavam os biquinhos dos quiabos, d'entre a purpura dos tomates... centros de palminhas bordadas, e molhos de ceboulas... Lá iam mulatas de chale a tiracollo com as vazilhas para as compras; marchantes, de roupa acceiada e passo ligeiro com o guarda sol debaixo do braço; meninos a distribuir jornaes; pedreiros; carpinas; homens do ganho com o urú vazio; donos de casa, em pessôa para a feira... e regos mendigos, com a mão no hombro dos guias de roupa suja e rota...

★

Apertando o gargallo da moringa, o rapaz encheu a bacia, e quando a physionomia sentiu as primeiras máocheias agua, a rede electrica dos nervos transmittiu por todo o corpo a verdadeira e definitiva sensação do despertar. Foi como si retumbasse a voz de — *sentido!* — por um batalhão em forma que estivesse em descanso.

E breve, no impedimento da toalha de rosto, que elle não sabia onde parava, enchugou se o lençol.

Ensaçou os primeiros passos na direcção da sahida, mesmo porque já um relógio batera placidamente as sete horas. Aquillo é que era suar um coração agoniado. Sete horas, hora de horror...

« Hora de febre fataes

Hora em que gemem saudades
Dos tempos que não vêm mais!
Quando os pallidos precitos
Requeimam labios malditos
Em taças de negro fel !... »

Mas emfim, sabiu como um doido.

Maldita canneta, livros cynicos do commercio! A Inquisição não se lembrou d'esse tormento pavoroso!

E n'aquelle negação absoluta pelo trabalho, elle sus-

pirava ardentemente, imprecativamente, como o desgraçado rico, do inferno vendo Lazaro no ceo :

—Deus, oh Deus ! porque não me fizeste empregado publico ? !

Memento depois ouvia-se ainda o ganir dos armadores ao balanço decrescente da rede, no quarto deserto e desordenado, onde as manchas de sol iam insensivelmente caminhando por cima dos trastes e das roupas e das estampas colladas na parede

GIL BERT.

PELO MUNDO ARTISTICO

Le Baiser é o titulo de uma interessantissima comedia em um acto, de Theodoro de Banville, ultimamente representada em Paris. É, ao que parece, uma cascata de rimas brilhantes, uma verdadeira joia. O seu enredo é o seguinte:

Pierrot encontra-se nos bosques de Vivoflay com a fada Uryel, transformada em velha, a qual só poderá voltar ás suas fórmas primitivas si obtiver o beijo de um innocente.

Este beijo ella pede-o a Pierrot, que lh'o dá e vê-se logo diante de uma encantadora menina. Acha-a bella e pede-a em casamento naquella mesma occasião, sob o azul do céu, em presença dos rouxinões, como teste muhas.

A fada vê-se quasi vencida pela voz do mortal enamorado. Cantos celestes ouvem-se entre a folhagem: são as companheiras de Uryel que a chamam. Uryel não pôde resistir ao desejo de reunir-

se a ellas ; restitue o beijo a Pierrot e foge.

Pierrot deixa-se a principio dominar pelo desespero ; mas de repente olhando para a platéa, cheia de bellas espectadoras, acha que é inutil desconsolar-se, reconhecendo que em Paris ha muita moça bonita, capaz de fazer esquecer a fada infiel.

*

Brevemente celebrar-se a em Berlim o jubileu originalissimo do artista Venicke, que representou cinco mil vezes, no mesmo theatro, desde 1853 !

*

François Coppée, o illustre poeta auctor do *Severo Torelli*, está em Amsterdam fazendo conferencias litterarias.

Quando passou em Bruxellas almoçou com o duque d'Aumale.

*

Com o titulo *Esboços e Perfis*, vai o distincto escriptor Lucio de Mendonça publicar um volume de tresentas paginas de prosa, contos já publicados, alguns na «Gazeta de Noticias.»

*

Vae elevar-se em Cracovia um monumento á memoria do célebre poeta polaco Mickiewicz, feito por subscrição nacional que attingiu a somma de 72 contos de réis.

Esse monumento que será um dos maiores da Europa, pois medirá 15 metros de altura, é feito pelo esculptor francez Godebiki.

*

Sarah Bernhardt leu a varios de seus amigos uma obra dramatica que escreveu e que em breve deve ser re-

presentada no Odeon, em Pariz.

Trata-se de um acto escripto em prosa. Personagens: um general sexagenario, sua mulher e seu sobrinho. Este, que é um medico distincto, fôra amante de sua tia, tendo nascido desta união illicita uma criança, cuja paternidade se attribue ao general.

A generala ama seu marido, odeia o que foi seu amante e adora o filho de suas entranhas. Ao levantar do panno a mãe chora junto do berço da criança, que se acha gravemente enferma. Como a familia está no campo, não ha remedio senão recorrer ao sobrinho, isto é, ao amante, e ao pai do innocente.

Todo o drama baseia-se na luta entre o amor maternal e o dever de esposa. A mãe deseja que o seu ex-amante salve seu filho e para isso é necessario que engane novamente o esposo, a quem estima, com o doutor a quem odeia d'alma.

Não resta outro recurso si não chamar o sobrinho, sob pena de que o general, talvez já cioso, chegue á ter graves suspeitas. O drama termina com um effeito em que tanto Sarah Bernhardt como os seus amigos fundão grandes esperanças. A criança morre e este funesto desenlace constitue a expiação da mãe, que se considera por fim rehabilitada e vive por meio da dôr.

*

O monumento levantado em memoria do notável escriptor francez Edmond About foi inaugurado no cemiterio do *Père Lachaise*, a 21 do mez passado.

Deputações da Academia Franceza e de diversas sociedades scientificas assistiram á solemnidade.

Em nome da Academia Franceza fallou Ernesto Renan.

*

Falleceu em Pariz o celebre pintor François Bauvin, com 71 annos de idade.

Foi em 1849 que Bauvin fez a sua primeira exposição no Salon.

Os seus quadros de mais nomeada intitulam-se: — *Os ebrios, o interior da estalagem, a religiosa*, etc.

Filho de um humilde operario, Bauvin começára a vida como typographo.

*

A cidade do Rio vai receber pela primeira vez a visita da famosa Adelina Patti.

A *diva* cantou durante o mez passado em Lisboa, d'onde seguiu para Madrid.

Da capital hespanhola, depois de dar algumas representações, voltará a Lisboa para no dia 8 do corrente embarcar no paquete «Congo» com destino a Buenos-Ayres.

A sua estréa n'essa ultima cidade se realisará a 6 de abril. Dará ahi 20 representações, percebendo 6:300\$000 por noite! Cantará o hymno nacional argentino nas festas patrioticas de 25 de maio, commemorativo da independencia p'atina.

O tenor da companhia não será Nicolini, seu esposo; o contracto está dependente ainda da resposta definitiva de Gayarre, porem já está alguém fallado conditionalmente para o caso de negativa.

O regente da orchestra será o maestro Arditi, conhecido compositor musical.

De Buenos-Ayres partirá Adelina Patti para o Rio de Janeiro.

Mauricio Grau é o empresario da companhia.

BELLEZA FUNESTA

Quando eu a vejo alegre e descuidosa
Brincando entre os rosas da adolescencia,
Inundada de aromas de innocencia
Que a tornam mais angelica e formosa;

E descubro através da transparencia
D'aquelle olhar sua alma carinhosa
Como uma estrella limpida e radiosa
Que esclarece os negros da existencia:

Sinto invadir-me mystica tristesa
E mil vezes quizera que a belleza
Não dêsse ao rosto seu tal perfeição.

Ella é tão pobre! E o vicio revoltante
Pode manchar-lhe a nitidez brilhante
E atiral-a no mar da perdição!

F. CLOTILDE.

LE PALMIER QUI PARLE

(Rio de Janeiro---Mars 1887.)

C'est bien, lui voilà sa cime altière.
Le coeur me bat à ce souvenir du passé!
Voilà les lettres unies comme un amour sincère
Voilà nos noms sur l'écorce fixés.

Serments d'amour qu'êtes vous devenus?
Adieu! beaux jours aujourd'hui disparus!
Vous avez trébuché en ce ravin profond
Qui creuse en son chemin le torrent de la vie.

Et j'allais tout ému effacer mon nom, celui de mon amie
Quand une voix de tonnerre éclate sur mon front
«C'est donc toi qui jadis misérable imposteur
Tacha ma robe verte de serments menteurs?»

Grand Dieu. le géant m'a parlé.

Confus, tremblant, terrifié je balbutie.
Hélas je l'aimais tant, elle était si jolie!
«Et que viens tu faire encore? reprit la grosse voix,
Effacer les marques d'un amour éphémère?»

«Mais tu pleures je crois?
Hélas ma peine est si amère
«Alors laisse moi en paix, puisque tu l'aime;
«Je vous connais aujourd'hui tristes, demain en allegresse.

Mais c'est son abandon qui cause ma tristesse.
«Laisse moi, te dis-je, vous êtes tous les mêmes,
Bientôt. Demain peut être au bras de l'infidèle
Vous reviendrez joyeux me faire des cicatrices nouvelles.

Ce géant centenaire dont la tête touche aux cieux
Doit être initié au secret du bon Dieu.

Et mon coeur tout en joie en espérance, ravi
Remercie en silence le palmier mon ami
. Et répète tout bas:
Bientôt demain peut être au bras de l'infidèle
Nous irons joyeux lui faire des cicatrices nouvelles.

DE VIREMONT.

PAIZAGENS

(Transcripção)

I

Alva nympha das fontes brasileiras,
O azul pennacho ondeando á frente,
A aza espadana em crystallina fonte
A garça ; e, feiticeiras,

Vão andorinhas na agua, e lavadeiras,
Rocando, a voar. Não ha quem conte
As borboletas e aves que do monte
Baixam ás ribanceiras.

No vespertino alarde
Cântam jaós e gaturamos.
Como um castello, que arde,

Tremula o sol por entre uns ramos...
--Vae, musa, contemplar hoje uma tarde
Dessas que ha lustros já não contemplamos !

II

Vae da fonte beber que aos plainos erra—
Mansa deslize ou túrbida retumbe,
Ou do orvalho, que já de abrir se incumbe
Da gabirolha a flor, que aroma encerra.

Vae...—Como é doce o azul da serra !...
Como é soberbo o sol que além succumbe !
Quanto insecto que zumbe !...
Quanto a nascer, lucifero, da terra !...

Já dois a dois, ondeando pelo
Espaço, aos leques dos palmitos
Baixam, num atropello,

Os verdes periquitos.
Ruidoso é o bando ; e a saracura, ao vê-lo,
Enche os ares e a flora com seus gritos.

III

SERPENTE NEGRA

Lá, quando a pomba geme, alguma pomba
Vae docemente ao longe respondendo.
O regongar da canguçu ribomba
Na flora, as vezes, cavernoso e horrendo.

É esse de quem o ruoxinol não zomba
Talvez--o sabiá da matta,--em vendo
Lá, do flebil raminho, o astro que tomba
No azul da serra, a flauta vae tangendo.

---Como alegria eu sempre me lembrando
Vou de meu berço...E a varzea, e a serrania
Vejo...e minha alma a infancia vae tornando...

Mas bem depressa foge-me a alegria
Vendo a fila de escravos ir passando
No escuro véo da matta umbrosa e fria.

Praia da Saudade, 1887.

EDMUNDO DE BARROS.

(Da REVISTA DA FAMÍLIA ACADEMICA)

O BOM VISCO

(CONTO DO NATAL.)

(Traducção para a QUINZENA)

O sopro forte do vento jun-
cára pela manhã os camiuhos
do bosque de galhos seccos.
e aqui e alli viam-se bocados
de visco arrancado ás bolas
de espessa verdura que appa-
recem no outomno no cimo
das arvores desfolhadas, se-
melhantes a ninhos de pega

Estavam duas mulheres no
bosque.

Uma velha, muito velha
com a pelle do rosto enruuga-
da e a das mãos asperas co-
mo a cortiça, a outra jovem
e tão bella que cousa nenhu-
ma poderia dar uma idéa de
sua belleza.

Não havia por entre a her-
va lyrio que fosse branco co-
mo sua tez, nem pervinca da
cor de seus olhos.

A velha enfeixava lenha
para aquecer a cabana e pre-
parar o jantar.

A moça, como para dis-
trair-se apanhava e prendia
com uma fita o visco que es-
tava por terra.

Assim uma se divertindo
e a outra enfeixando lenha
encontraram-se ao mesmo
tempo na encrusilhada das
Ermidas perto do grande
montão de grés no meio do
qual em logar de uma cruz
cabida se vê hoje uma caver-
na cheia d'agoa. onde os pas-
sarinhos vem matar a sede.

--Que bello visco ! exclamou a velha.

Jesus !...mas que ides faser
com todo elle ?

A moça hesitava em res-
ponder, porque os andrajos
da velha e o seu olhar mali-
gno davam-lhe uns ares de
feiticeira; como porem os an-
drajos estavam limpos e a
malicia do olhar era mistura-

da de bondade ella sintiu-se encorajada e disse :

—Eu sou Guilhermina, a filha de mestre Guilherme que tem sua herdade alem da ponte do caminho da aldeia, no lugar onde a estrada forma uma curva.

Uma casa rica ! rica e abençoada pelos pobres que a conhecem desde que nella recebem esmolas.

—Escutae, boa velha, e visto que a occasião é favoravel dae-me um conselho. Amo alguem que me prometeu casamento, elle me ama tambem, e entretanto não se apressa.

Esta manhã vendo sobre o musgo e a herva tanto visco ao abandono tive a idéa de formar com elle um ramalhete e suspendel-o noute de Natal á nossa porta, sem que ninguém visse.

Como meu noivo é um dos convivas da festa e tem de me conduzir á missa, passaremos eu e elle sob o visco ao mesmo tempo, e vós sabeis que quando dous namorados passam juntamente sob o visco augmenta-se-lhes o amor e casam-se durante o anno.

—Sei, sei, murmurou a velha, mas d'aqui para o Natal faltam ainda dous mezes

—Que importa isto ? Terrei então minha provisão feita. O visco conserva-se por muito tempo e dentro de dous mezes elle não murchará.

A velha se pôz a rir.

—Muito bom visco este, bem florido, bem enramado, com a folha espressa e amarella como ouro, somente é um pouco tenro. As sementes estão ainda verdes. Não deveis escolher o visco tão cedo nem apanhar o que o vento derribou.

Para que elle seja bom e traga ventura aos amantes deve ter experimentado o inverno, soffrido o frio e o gelo e estar preso á arvore tão fortemente que o arranquem juntamente com a casca.

A mocidade não acredita nisto, o que não impede de haver visco e visco como ha amor e amor.

Guilhermina já estava longe e a velha repetia-lhe carregando o feixe :

« Eis um bello visco, o que não impede de haver visco e visco, como ha amor e amo ? »

No anno seguinte, no mesmo lugar perto da encruzilhada das Ermidas, a velha que enfeixava lenha e Guilhermina se encontraram de novo.

Era vespera de Natal.

A herva gelada estava sob os pés, o gelo luzente pendia das arvores e grossos montões de neve jaziam á margem do caminho nos logares onde o sol não penetrava.

A velha talvez por causa da neve não tinha apanhado lenha.

Trazia a fouce na mão e não sem difficuldade um grande fardo de visco recém-collido.

Reconheceu Guilhermina e viu que ella chorava.

—Então, filha ! Enxugue-mos estes olhos. Seria um crime estragal-os.

—Ah ! minha boa velha, ainda que de nada sirva quero contar-vos meu pesar.

O anno passado, si vos recordaes, eu tinha suspenso o visco á nossa porta para que passando sob elle eu e meu noivo nosso amor crescesse e se realisasse em breve nosso casamento,

A principio tudo correu bem.

Apenas tinhamos posto o

pé no limiar, elle viu o visco e abraçou-me depois da missa e antes de nos sentarmos á meza chamou meu pae á parte e pediu-lhe minha mão.

—E...o final ?

—Tinham-se publicado os banhos e contractado os mestres para as nupcias. Eu me julgava tão feliz ! Uma noute o rio transbordou, afogando as lavouras, os prados, arruinando tres quartas partes de nossa habitação e deixando-nos em desespero.

—Então ?

—Então, respondeu Guilhermina que molhava o avental de lagrimas, então vendo-me pobre, e meu noivo partiu e a pesar de o termo procurado por toda parte não tivemos mais noticias delle.

—Eu vos tinha prevenido, minha filha. Ninguém se deve fiar no visco tenro, e depois os homens são tão volúveis ! E vós o amaes ainda ?

—Não de certo.

—E choraes ?

—Choro a decepção que soffri, mas como poderei amal-o, si elle não me ama ?

—N'esse caso disse a velha rindo desconfiemos bella Guilhermina.

Eu conheço alguem. .

—Alguem ? !

—Sim, alguem (porque embóra velha tenho bons olhos) alguem que de ha muito vos ama e continúa a amar-vos sem se inquietar porque o vosso dote foi devorado pelo rio.

Esse alguem é o filho do visinho.

Porque coraés, bella Guilhermina ?

Hoje não festejam o Natal em vossa casa ?

Fazei, pois, que seja elle o cavalheiro que vos conduza á missa.

—Então, suspirou Guilhermina, talvez fizesseis bem em

vender-me um pedaço ou dois de vosso visco

—Eil-o, minha! bella, amarello como o ouro, com alguns grãos enfileirados, mais claros e brancos do que perolas, um bello visco bem limpo, bem sincero que não engana porque soffreu o rigor do inverno e o frio e gelo e não cahiu ao primeiro sopro do vento.

Guardae, porem, vosso di-

nheiro por que este visco não se vende.

Pertence ao filho do visinho que desde hontem m'o comprou.

E gracejando ao desprender o visco escolhido, a bôa velhura murmurou:

—Eu bem vos disse, Guillermina, ha visco e visco assim como ha amor e amor.

PAUL ARÉNE.

AO LUAR

Noute de estio. O placido e argentado
Novilunio subia lentamente
No curvo azul infindo e de-maiado,
Acclarando a alameda ampla e silente.

Se embebia nas arvores pompudas,
Profusa e branda, a luz embranquecida;
E se enchia de grandes sombras mudas
A superficie quieta da avenida.

Sahia um cheiro doce das confuzas
Aleas, onde as boninas impollutas
Dormiam como dormem nas vestutas
Cellas frias as pallidas reclusas...

Emquanto as rubras rosas,—impudentes
Filhas do amor, replectas de desejos,
Iam sorvendo, tremulas, os beijos
Que lhes davam os zephiros languentes...

Entre os festões espessos e ondulantes
Das lianas, talvez que nos arminhos
De um thalamo feliz,—ternos amantes—
Dormissem mansamente os passarinhos...

Na vastidão d'aquella noite calma,
Como as brisas do mar, que, brandamente,
Sussurram pelas arvores, minh'alma
Divagava, sonora e transparente.

E Ella,---a que tem voz meiga e cantante
Qual das deusas marinhas encantadas,
E tem no olhar a negridão radiante
Das opulentas noites estrelladas:

Ia e vinha; e seu passo era tão leve,
Tão garboso e subtil, aéreo e vago,
Como si o solo fosse um quieto lago
E ella um cysne gentil, da cor de neve...

Minh'alma, que vagava ardente e solta,
Prendeu-se, a murmurar ternos idyllos,
Aos sedosos frouxéis dos negros cilios
E aos meandros da trança desenvolta...

E como a espira alvissima de incenso,
Que o vento ora retorce, ora arrebatada,
De nuvem rota um fioco ia suspenso
A' luz---esse thuribulo de prata.

ANTONIO SALLES

O BOM GOSTO FORTALEZENSE.

E'-nos agradabilissimo noticiar que o novo anno promette ao Ceará não só larga messe de bem estar material, como do espirito.

A bôa, total, frenetica a ceitação que teve a procissão carnavalesca dos Conspiradores Infernaes, isto é: o carnaval que falla ao espirito como commentario alegre e sadio dos acontecimentos e como exhibição de allegorias, de phantasias, de bellezas que só podem ser comprehendidas por um publico já um tanto cultivado, nos penhorou, nos encheu de gratidão por este povo, que mostrou assim não ensurdecer á voz d'aquelles que o convidam para as conquistas da civilisação, para a posse de um estado melhor.

Quanto a lettras, fallamos com franqueza, *A Quinzena* se desvanece pelo favor que o publico cearense lhe tem dispensado.

Só uma coisa ha que se lamenta, é a ausencia completa, o esquecimento mesmo, pelo theatro.

Porém este dezar não deve ser lançado a conta do povo, e sim ao debito do governo provincial, que nem cogita da edificação de uma casa de espetaculos, e nem desafia algum capital que por ahi haja a empregar-se n'isso com a indispensavel garantia e subvenção.

O governo provincial, fallamos em nome da arte, é uma inutilidade. O geral, este nem se lembra de que os cearenses têm cabeça, só sabe que elles têm bolsa para contribuir e estomago para atafulhar de um xarque e de um feijão preto, nas grandes seccas, os cereaes mais caros

d'este mundo, pelos quaes pagamos um juro eterno.

A conta da sociedade cearense deve ser tomado por exemplo, é o gosto que vae apparecendo pela diversões musicas.

Éra notavel a frieza com que se assistia aquia um concerto.

Os ouvidos só se davam com a simpleza barbara de certas musicas de pancadaria e de certos instrumentos atroantes que pareciam antes se dirigir aos musculos do que aos nervos.

Não se enchergava a tela invisivel onde borda se a divina obra da harmonia.

Salvo excepções, não se procurava conhecer as peças, e os auctores, e o que havia ali a soborear, si o sentimento, si a difficuldade de execução, si o primor da melodia, si o pensamento, si o arranjo harmonico; ia-se por ir.

Hoje pelo menos ja se sabe fazer silencio e já se nota espontaneidade nos applausos.

Não existe mais aquelle mal entendido retrahimento por parte das moças, e a prova é que as dispuas do professor Jorge Victor organisaram associação para exhibirem-se mensalmente em concertos familiares, a que tivemos a dita de assistir, e pela continuação dos quaes fazemos a mais sincera prece e votos ás Exmas. meninas.

Consta-nos que se trata de organizar um grande club com fim de fomentar o bom gosto por uma arte assim necessaria quanto bella.

Organise-se ou não, entendemos que todo cearense patriota deve auxiliar aos que se apresentarem com um fim tão civilizador.

Ha sobretudo a este respeito uma idéia adoravel,

principalmente para os que tem filhinhos a orientar para o grande dia da vida :

E' a criação de uma orchestra de meninos, a os quaes, nos aliançaram pessoas competentes, é facilimo de preparar.

Esta em discussão a proposta.

RECIBOS

A parte diversos jornaes que têm a fineza de visitarnos e aos quaes retribuimos com a constancia que nos é possivel, temos sobre a meza A SEMANA e a REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA, ambas do Rio.

D'A *Semana* destaca-se a continuação do artigo de Araripe Junior intitulado *A Poesia em suas relações com a função genesica*, um assumpto interessantissimo a que o auctor deu condigno desenvolvimento.

Cabe aqui, como propugnadores da elevação intellectual do Ceará, os nossos emboras ao Sr. Araripe Junior, que é cearense, a quem auguramos a posição de critico eminente, pois que, desde o seu monumental estudo sobre José de Alencar, não tropeçou um só instante, e tem revelado sempre o necessario criterio, caracter e amor ao trabalho, a par do indispensavel talento.

A SEMANA reeditou, no dito numero que temos presente, a *Hysterica*, de Labore, publicada aqui ha tempos no *Liberador*, e fez muito bem, porque aquillo que ó bom deve-se mesmo dar de novo uma vez por outra.

Como prova de quanto vae bem a REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA, da Escola Militar da Côrte, transcrevemos n'ou-

tro logar uns versos de finissimo labor, de um estylo verdadeiramente selecto, uns pequeninos prismas por onde se vê, á luz ideal da organização privilegiada de Edmundo de Barros umas brasileiras e bemapanhadas *Paisagens*

ANNUNCIOS

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS
Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos
Compram sempre ouro velho e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70—

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

Motta Vieira & C.^a

88—M. Jor Facundo—88
FORTALEZA

Importadores e exportadores